

## MARGENS DE UM MESMO RIO, DISTANTES: REFLEXOS E REFLEXÕES

Fernando Arenas  
Univ. of Minnesota

*Para o discurso cultural português, o Brasil existe superlativamente, mesmo que essa existência seja quase sempre mítica, sobretudo como suporte simbólico dos nossos antigos sonhos imperiais. Para o discurso cultural brasileiro, Portugal existe pouco ou nada, mas, se existe, é apreendido como o pai colonizador que o Brasil teve de matar para existir* (Lourenço, “Nós e o Brasil: ressentimento e delírio”, A nau de Icaro 150)

A noção do “país do futuro”, mito ordenador do imaginário moderno brasileiro, pressupõe necessariamente o apagamento de Portugal como referência cultural matricial. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que o mito do “país do futuro” é produto da metamorfose da visão cristã utópica do “paraíso terrestre”, mito fundador da cultura brasileira, que os portugueses levaram consigo aquando da sua chegada em 1500. Esta metamorfose, da ordem do mítico e do utópico, subjaz à dinâmica histórica luso-brasileira e revela a passagem, por um lado, da era colonial à pós-colonial. Por outro lado, revela inevitavelmente economias mítico-utópicas de carácter assimétrico; portanto, Brasil foi e será para Portugal mecanismo compensatório relativamente às suas limitações a nível económico e ontológico, ao mesmo tempo, peça fundamental na história do império colonial português (daí o seu lugar “superlativo” no discurso cultural lusitano, segundo Lourenço). No entanto, pode-se argumentar que Portugal e o Brasil foram num primeiro momento colonial cúmplices na sua condição de brancos e luso-brasileiros na gestão económica do território (e aqui, o comércio de escravos tem uma função primordial de benefício mútuo). Porém, na medida em que o poder metropolitano se torna um empecilho tanto político como económico para as elites brancas —cada vez mais brasileiras e menos lusas— na sua ânsia crescente de autonomização, a independência torna-se a única opção viável. Mas já num segundo

momento pós-colonial ainda em evolução, Portugal torna-se cada vez mais para o Brasil, um misto de eco distante no tempo, memória recalcada, parente longínquo, uma peça relativamente importante de um mosaico cultural muito maior que é o Brasil de hoje, e finalmente, uma “realidade empobrecida” frente à visão duma nação que se quer sempre moderna a todo custo, mesmo ao preço de obliterar por vezes a sua memória cultural.

As festividades e contra-festividades em torno dos 500 anos da chegada dos portugueses às terras do que seria o Brasil, deixaram em evidência o facto de no ano 2000, o Brasil e Portugal habitarem tempos históricos substancialmente diferentes, ao mesmo tempo em que há uma multiplicidade de interpretações em ambos os países quanto ao significado dessa efeméride. Os discursos proferidos pelos dois presidentes contrastaram sintomaticamente: a perspectiva apresentada por Jorge Sampaio enfatizou os feitos gloriosos dos navegantes portugueses, ao mesmo tempo rendendo homenagem à riqueza cultural do Brasil (para a qual Portugal em parte contribuiu), enquanto que reconheceu explicitamente os desafios sócio-económicos presentes e futuros do Brasil, sem no entanto pedir desculpas pelos excessos ou abusos portugueses da era colonial. Por seu lado, Fernando Henrique Cardoso inevitavelmente centrou a sua atenção nos problemas sociais que marcaram pela negativa os festejos do quinto centenário. Apesar de ter homenageado os feitos gloriosos dos líderes brasileiros ao longo da história, o seu discurso teve que voltar forçosamente às problemáticas sócio-económicas que continuam a afectar profundamente o seu país, salientando que o Brasil é “uma das sociedades mais injustas do mundo”.<sup>1</sup>

No limiar do século XXI, o Brasil e Portugal esforçam-se por se tornar participantes activos no processo de globalização nas esferas económica, política e cultural. Portugal está a consolidar o seu lugar irrevogavelmente periférico no contexto de um dos centros do poder global (a União Europeia), enquanto tenta fortalecer a sua posição de centro relativamente aos países

africanos de língua oficial portuguesa. Portugal, junto com o Brasil (em graus de compromisso diversos), constituem os pilares financeiros da jovem Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que reúne também os cinco países africanos mais Timor Leste. Esta comunidade é uma tentativa, ainda relativamente precária, de forjar um bloco multi-polar linguístico, cultural e geopolítico de interesses comuns, de forma análoga ao *Commonwealth* ou à *Francophonie*. O Brasil, por seu turno, constitui o centro do bloco regional do Mercosul e a potência regional de facto na América Latina, —junto com o México— do ponto de vista económico e político. Ao mesmo tempo, enquanto que a sociedade brasileira ainda se debate na encruzilhada por alargar o espaço democrático e disseminar a justiça sócio-económica como bem comum de todos os cidadãos, o Brasil como estado-nação afirma-se enquanto uma das potências do (ainda) chamado Terceiro Mundo, com direito a exigir uma vaga permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Entretanto, Portugal e o Brasil compartilham uma comum condição intrinsecamente (semi-)periférica na cena mundial, condição essa reflectida na escassa cobertura dos 500 anos do Brasil na imprensa e mídia internacional. Essa desatenção surge como sintoma dessa condição. Portugal, nas margens da Europa, e o Brasil, uma ilha num oceano americano de língua inglesa e espanhola. Caetano Veloso resume perfeitamente a condição ontológica, cultural e geopolítica da língua portuguesa no mundo ao evocar a imagem do nevoeiro, apropriando-se da visão liricamente megalomaniaca de Fernando Pessoa sobre Portugal de início do século XX, como aquela nação nas margens da história, encoberta pelo nevoeiro, pronta para renascer graças ao poder da palavra poética. Décadas depois, Caetano projecta a visão pessoana para a música popular brasileira, sem dúvida, a presença mais marcante da língua portuguesa no mundo de hoje.

A relação pós-colonial entre o Brasil e Portugal difere consideravelmente da relação excepcional existente entre os Estados Unidos e a Grã Bretanha. Mesmo antes da sua

independência, a produção económica e a base de recursos naturais do Brasil eram incomparavelmente maiores relativamente à metrópole, criando portanto uma relação de forte dependência económica do país colonizador face ao colonizado. Nenhuma outra potência colonial transferiu a sua capital à colónia como Portugal fez entre 1808 e 1821 devido às guerras napoleónicas. Esta mudança radical fez com que o Rio de Janeiro se tornasse o centro do império colonial português. Tal como Mota e Novais salientam (citados por Santos em Pela mão de Alice 130-31), nessa altura de facto houve uma inversão do pacto colonial entre Portugal e o Brasil na medida em que a metrópole se torna um apêndice da colónia. Este é um exemplo da condição geopolítica intermediária e semi-periférica de Portugal, amplamente descrita por Boaventura de Sousa Santos; um país simultaneamente colonizador e colonizado (com relação ao Brasil e à Inglaterra). Em referência à peça de Shakespeare, “A Tempestade”, Santos acrescenta que o colonizador português foi uma entidade híbrida que misturou aspectos de Próspero e Caliban: “Se alguma vez Próspero se disfarçou de Caliban, foi através da máscara dos portugueses” (“Espírito de Timor invade o Rio” 2).

Apesar da autonomia alcançada pelo Brasil em praticamente todas as esferas da vida nacional a partir de 1822, o quadro político estabelecido inicialmente foi o de uma monarquia bi-nacional onde a mesma família monárquica continuou a governar ambos os países (o pai, D. João VI em Portugal, e o filho, D. Pedro I no Brasil). De tal forma, os estreitos laços a nível político, assim como a nível económico e cultural (os dois últimos, em menor grau) mantiveram-se mesmo depois da independência do Brasil (do ponto de vista político, estes laços manter-se-ão até à proclamação da República em 1889). Esta realidade acontece paralelamente à emigração maciça de portugueses ao Brasil que continuará para além do ano de 1822 até ao século XX, diminuindo substancialmente após o 25 de Abril de 1974, ao ponto de cessar quase por completo a partir dos anos oitenta.<sup>2</sup> A onda migratória constante de Portugal ao Brasil é um exemplo patente da

peculiar dependência pós-colonial da ex-metrópole relativamente à ex-colónia. Aliás, pode-se argumentar que a emigração portuguesa e a expansão marítimo-colonial portuguesa são duas faces da mesma moeda, isto é, dinâmicas paralelas e simbióticas, produtos do sub-desenvolvimento crónico de Portugal ao longo da história; a contra-face trágica do discurso épico expansionista, tão dolorosa e eloquentemente articulada pelo Velho do Restelo no poema camoniano. No entanto, o destino nacional português mudou substancialmente a partir da entrada à União Europeia, um factor crucial que tem servido de catalizador para uma rápida modernização da sociedade, uma nova era de prosperidade económica e como mecanismo institucional de estabilização política. Esta nova conjuntura têm atraído dezenas de milhares de imigrantes a Portugal, oriundos das ex-colónias africanas (sobretudo de Cabo Verde e Angola, mas não exclusivamente), assim como do Brasil e mais recentemente dos países do Leste europeu (nomeadamente, Rússia, Ucrânia, Moldova e Roménia).

Para lá dos seus respectivos caminhos separados e autónomos desde 1822, o Brasil e Portugal ainda ocupam um lugar de destaque na vida nacional do outro país em múltiplas formas e em graus de intensidade diversos do ponto de vista simbólico, cultural, material e afectivo.<sup>3</sup> É bastante conhecido o enorme poder de influência exercido pela cultura popular e da mídia brasileiras tanto em Portugal como em todos os países de África lusófona. Esse poder reflecte-se na proliferação de telenovelas brasileiras em todos os canais nacionais de televisão, tanto públicas como privadas. Com a televisão por cabo e via satélite existe a possibilidade de assistir a múltiplos canais a emitir directamente do Brasil (incluído o Canal Brasil, especializado em cinema brasileiro). O contacto intenso e quotidiano com a cultura pop brasileira no Portugal de hoje é só ultrapassado quantitativamente pelo contacto com a cultura pop e mediática anglo-americana. No que diz respeito à música, tanto a anglo-saxónica quanto a brasileira detém uma fatia importante do mercado de consumo português. O contacto quotidiano com a cultura

brasileira tem produzido efeitos importantes tanto no âmbito linguístico como no âmbito das mentalidades (por exemplo, em matéria de assuntos sexuais, ecológicos, de gênero, ou de classe), isto não só em Portugal mas também em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

Se por um lado a alta cultura e a cultura pop britânicas circulam amplamente no quotidiano norte-americano, o mesmo não ocorre com a cultura portuguesa no Brasil. A cultura pop portuguesa (música e TV) tem uma expressão mínima ou mesmo nula no dia-a-dia brasileiro. Aliás, a nível vivencial fica-se com a impressão de que no Brasil, Portugal está em todo lado e em lado nenhum (tal como afirma Eduardo Lourenço em “Uma língua, dois discursos”, A nau de Icaro 157). Essa impressão revela-se de modo mais patente na esfera da cultura pop e mediática (sobretudo com respeito ao facto de Portugal não ocupar lugar praticamente nenhum nessa esfera). Em contrapartida, na mundo da alta cultura, Camões e Eça de Queiroz são conhecidos nas camadas mais instruídas, enquanto que Fernando Pessoa constitui um objecto de culto. Por seu lado, Saramago ocupa um lugar privilegiado na cultura brasileira não só como best-seller ou autor de grande estima, mas também como cidadão planetário, portavoz dos oprimidos e crítico das mazelas tanto do Brasil como do mundo globalizado. No âmbito universitário, a literatura portuguesa encontra-se amplamente disseminada pelo sistema brasileiro através de uma série de programas de Mestrado e Doutorado na área de letras vernáculas em vigor um pouco por todo o país. Infelizmente, o mesmo não pode ser dito em relação à institucionalização da literatura brasileira no meio académico português, onde há poucos cursos ou programas na área. A literatura brasileira é de facto menos conhecida em Portugal do que a literatura portuguesa no Brasil. Este desfasamento pode ser atribuído a atitudes etnocêntricas ou até neo-coloniais que ainda perduram no sistema educacional português, e que portanto, repercutem no currículo da área de estudos literários.

Até à Semana de Arte Moderna de 1922, os campos literários português e brasileiro estiveram profundamente interligados na medida em que poetas dos dois países eram conhecidos nos dois lados do Atlântico, sendo publicados em antologias que incluíam simultaneamente portugueses e brasileiros. Autores de ambos os países publicavam regularmente em ambos lados, e entre finais do século XIX e início do século XX, alguns escreviam para revistas literárias portuguesas ou jornais brasileiros, como no caso célebre de Eça de Queiroz (ou outras figuras oitocentistas tais como António Castilho, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão). Como já foi assinalado por Antonio Candido e outros, a literatura portuguesa, junto com a francesa e inglesa exerceram uma enorme influência junto das elites do Brasil. Mesmo apesar da ruptura final com a influência linguística e literário-cultural portuguesa levada a cabo pelo Modernismo, os esforços de colaboração e de troca entre escritores brasileiros e portugueses nunca deixaram de ter lugar, embora estes esforços tenham sido sobretudo pontuais (para mais informação, ver Arnaldo Saraiva e João Almino).

Por sua vez, a literatura brasileira da década de 30 (Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros) influenciou profundamente, como se sabe, o neo-realismo português, assim como as literaturas emergentes de Cabo Verde e Angola dessa época. A geração regionalista e do romance social de 30 contribuiu na formação de um público leitor em pleno Portugal salazarista. Entretanto, os grandes poetas Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, junto com os grandes prosadores João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, continuam sendo bastante lidos e estimados junto de um público académico e intelectual português.

Até hoje, na esfera da alta cultura, o Brasil tem tido uma presença discreta em Portugal. Este fenómeno pode ser atribuído às limitações normalmente decorrentes de toda produção artístico-cultural que visa segmentos altamente especializados da população, mesmo em

sociedades onde existe maior receptividade e melhor formação relativamente às expressões culturais e artísticas vanguardistas. Não obstante, como resultado das celebrações dos 500 anos tem havido um incremento vertiginoso de trocas culturais entre ambos países, sobretudo na esfera da alta cultura. Aliás, nos últimos anos houve um espécie de “re-descobrimento” mútuo a nível cultural, de tal forma que o Brasil tem marcado presença em Portugal com uma série de exposições de artes visuais, teatro, dança moderna, concertos de música clássica e retrospectivas de cinema. Estas iniciativas têm feito com que o público português mude um pouco a percepção do Brasil como produtor exclusivo de objectos e expressões culturais pop, por exemplo, novelas e MPB.

Contudo, as cidades portuguesas são paragem obrigatória para praticamente todos os artistas da MPB, uma vez que eles gozam lá duma enorme popularidade. O contacto intenso no dia-a-dia lusitano com o português falado no Brasil tem feito com que todas as camadas da população portuguesa adquiram bastante familiaridade com os sons e as nuances lexicais e sintácticas do Brasil ao ponto de influenciar o vocabulário e a gramática entre as camadas mais jovens, e não só. A contrapartida não se verifica, uma vez que os brasileiros, sobretudo aqueles com menos intrusão em termos gerais ou experiência de contacto com variantes dialectais da língua portuguesa, sentem uma enorme dificuldade em entenderem o português falado em Portugal. Linguisticamente falando, o português europeu hoje em dia soa exótico ao ouvido brasileiro, não poucas vezes causando estranhamento, choque ou até repulsa no interlocutor brasileiro. Apesar do crescimento substancial, assim como a vitalidade e qualidade da actual música popular portuguesa, ela não tem cabida no espectro radial brasileiro, uma vez que programadores e público ouvinte até agora não parecem mostrar receptividade, mas aqui poder-se-ia perguntar se é meramente uma questão linguística e/ou uma estratégia de (re)produção de mercados que delimita aquilo que é passível de ser ouvido seguindo critérios estritamente

comerciais. No entanto, entidades governamentais portuguesas esporadicamente organizam eventos culturais de envergadura nas grandes capitais brasileiras por forma a difundir diversos aspectos da produção artístico-cultural do Portugal contemporâneo, nomeadamente, no campo das artes visuais e performance, cinema, música clássica, jazz, pop ou novo fado. Estes eventos são geralmente de carácter pontual atingindo principalmente um público brasileiro de elite ou as camadas de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro, São Paulo e outras grandes cidades. Desde a Expo '98, que teve lugar em Lisboa, e as celebrações dos 500 anos do Brasil, tem havido um aumento substancial de concertos que têm como objectivo juntar artistas brasileiros e portugueses na esperança de dar mais visibilidade à música portuguesa no Brasil (basta lembrar o impacto dos concertos de Caetano Veloso com Dulce Pontes e Waldemar Bastos [de Angola] ou o concerto da extraordinária cantora de jazz-étnico Maria João junto com Gilberto Gil no Parque do Ibirapuera ou na Praia de Ipanema). Para lá destas instâncias de carácter eminentemente pontual, a presença da cultura portuguesa tanto popular quanto de elite continua a ser bastante limitada no Brasil.

No que diz respeito ao campo das representações literárias, Portugal e o Brasil têm estado presentes nas duas literaturas nacionais respectivas, particularmente durante o período colonial mas também ao longo do século XIX (no âmbito da literatura pós-moderna de finais do século XX, a cultura portuguesa é retratada enquanto presença colonial no espaço brasileiro em gestação, sobretudo nos romances de metaficção historiográfica, ver por exemplo, Ana Miranda e Haroldo Maranhão, entre outros). No vasto género literário português dedicado às navegações e “descobrimentos”, o Brasil surge principalmente como objecto de descrição.<sup>4</sup> Ao longo da era colonial luso-brasileira, a maior parte da literatura produzida no Brasil estava ligada inevitavelmente à metrópole na medida em que dizia respeito à dinâmica colonial que envolvia simultaneamente colónia e metrópole. As figuras mais destacadas nesse contexto são os mestres do barroco luso-brasileiro: Padre António Vieira e Gregório de Matos. Na literatura colonial

vislumbram-se sinais de um sentimento embrionário de brasileiridade que evolui paulatinamente de modo análogo às literaturas angolana de final de século XIX e caboverdiana da primeira metade do século XX. No caso brasileiro, tal sentimento culmina com a obra de Machado de Assis, onde a questão da identidade nacional brasileira já não é articulada de modo explícito nem como principal preocupação. Na obra machadiana, Portugal praticamente desaparece como ponto de referência ou de comparação no sentido cultural ou histórico. Os críticos Roberto Schwarz e John Gledson consideram-no o primeiro grande escritor brasileiro que consegue transcender as fronteiras nacionais, não só devido à mestria na sua arte de escrever, mas também pela ressonância universal de muitas das suas temáticas.

Uma parte substancial da prosa e da poesia produzidas no Brasil no período posterior à independência (1822) e anterior ao Modernismo (1922) aposta na construção duma literatura nacional que visa revelar (ou propor) os contornos duma nação independente e distinta. Nesse contexto, Portugal terá necessariamente de aparecer sob uma óptica negativa ou como ponto de contraste; aquilo que não é o Brasil. Nelson Vieira oferece o estudo mais exaustivo até ao momento sobre as representações de portugueses e brasileiros nas respectivas literaturas (Brasil e Portugal: a imagem recíproca (1991)). No seu estudo, Vieira conclui que apesar do grau da afecto e familiaridade que ainda perdura entre os dois países, as imagens predominantes no respectivo imaginário têm sido negativas. A figura do imigrante português será um espécie de significante tenso ou ideologicamente carregado, através do qual os escritores brasileiros (sobretudo no século XIX) irão projectar um ressentimento colonial persistente e complexo, assim como um sentimento de revanche relativamente à antiga “mãe pátria”, que é vista por estes escritores como uma nação pobre; berço de imigrantes rústicos, embora ambiciosos e arrogantes. Vieira argumenta que esta relação negativa do Brasil com Portugal manifesta também uma insegurança

sintomática duma nação apenas independente no século XIX, tentando ainda de definir a sua identidade e lugar no mundo (122).

As manifestações mais virulentas de lusofobia aparecem nos romances naturalistas de Aluísio Azevedo (O mulato, 1881, e O cortiço, 1890) e Adolfo Caminha (Bom crioulo, 1895). Era bastante conhecida também a veia anti-portuguesa de Raúl Pompéia, que dirigiu ataques incendiários contra os portugueses na imprensa da época (Vieira 127-29). Todos eles revelam um profundo ressentimento contra a enorme presença de imigrantes portugueses no Brasil da época e o seu monopólio sobre um amplo sector da economia, mais concretamente, o pequeno comércio (mercearias, padarias, restaurantes, etc). Esse monopólio era visto como uma extensão perniciosa do colonialismo português, a despeito de várias décadas do Brasil como nação independente. Essa dinâmica revela igualmente o grau de frustração por parte dos intelectuais brasileiros frente à falta de progresso no Brasil, portanto, a figura do português surge como bode expiatório conveniente, representado uma das possíveis causas dos males sócio-económicos do país (122).

Na literatura portuguesa do século XIX as personagens “brasileiras” eram na verdade os portugueses emigrados no Brasil que voltavam à terra. Aqueles “brasileiros” eram objecto de sátira e de um certo desprezo por parte de alguns escritores portugueses, sendo representados como novos ricos de carácter materialista e pouco sofisticados. O estereótipo do “brasileiro”— o português que volta rico do Brasil— é um dos tipos sociais que surge com certa frequência na obra de Camilo Castelo Branco (por exemplo nas obras, Eusébio Macário [1879] e A brasileira de Prazins [1882], entre outras). Esse estereótipo revela uma atitude classista e até certo ponto neo-colonialista por parte de alguns intelectuais portugueses da época.

As noções que predominam actualmente no imaginário colectivo tanto de brasileiros como de portugueses em relação ao outro são múltiplas e contraditórias. Ao passar um tempo no Brasil ou em Portugal, salta à vista o paradoxo pós-colonial de uma indiferença generalizada no

Brasil actual relativamente a Portugal e a total impossibilidade de ignorar o Brasil no quotidiano português. A nível interpessoal, observamos um leque bastante complexo de sentimentos e percepções que cada povo detém um pelo outro, oscilando desde um sentimento de mútua familiaridade cultural, a descoberta surpreendente de semelhanças, um sentimento de “pertença” relativa quando os brasileiros se encontram em Portugal ou vice-versa e um afecto sincero de uns pelos outros, até um sentimento de alienação (dramaticamente retratada no filme “Terra estrangeira” de Walter Salles [1995]), choque cultural, chauvinismo nacional, ignorância activa de um pelo outro, paternalismo, arrogância e mútua desconfiança. Esporadicamente têm surgido diferendos ou desentendimentos na frente diplomática, sobretudo no que diz respeito à imigração em Portugal, em parte, como resultado dos limites impostos pela União Europeia em matéria imigratória apesar das relações especiais que alguns antigos países colonizadores mantêm com as suas ex-colónias, tal o caso de Portugal e de Espanha.

Brasil e Portugal continuam a evocar imagens do “outro exótico” no respectivo imaginário. Aquele “exotismo” às vezes atinge extremos de caricatura e humor corrosivo (ver Vieira). Tanto Portugal como o Brasil podem evocar um vasto repertório de clichés, desde o “país do carnaval, das mulatas e do futebol” até “o país arcaico e melancólico que chora uma litania interminável de fados”. Porém, as imagens simplistas, e no pior dos casos, algumas delas distorcidas e deturpadoras, convivem actualmente com outras imagens um pouco mais equilibradas, baseadas no intercâmbio cultural, no comércio activo entre ambas nações, o contacto directo entre as pessoas como resultado do turismo crescente em ambas as direcções, e sem dúvida, a imigração (uma tendência mais direccionada para Portugal hoje em dia), entre outros vectores.

Será possível então, tal como pede Eduardo Lourenço (em “Nós e o Brasil: ressentimento e delírio”, A nau de Icaro, 141), ultrapassar o esquema histórico-psíquico-cultural do

colonizador/colonizado ou pai/filho nas relações luso-brasileiras? Ou estarão as relações actuais e futuras entre os dois países irremediavelmente condenadas aos esquemas baseados num passado histórico colonial, que por sua vez, levam ao complexo nó de ressentimento, fascínio, delírio, mitificação, ignorância activa, ou indiferença de um lado ou do outro? A resposta a ambas as perguntas terá de ser um sim e um não simultâneos, na medida em que o laço colonial é e continuará a ser uma realidade incontornável na memória cultural de ambas as nações; memória essa que será vivida de modo diferenciado tanto pelo Brasil como por Portugal. Ao mesmo tempo, a evolução das relações entre os dois países dependerá do nível e o grau de intensidade das trocas no âmbito económico, financeiro, político, cultural, interpessoal, académico e mediático que houver entre o Brasil e Portugal no presente e no futuro, num contexto decididamente pós-colonial e sempre mais globalizado. Nesse contexto, cabe aos dois defenderem interesses comuns, e junto com os países africanos de língua oficial portuguesa, salvaguardarem o lugar da língua portuguesa, respeitando no entanto, as respectivas diferenças culturais, num mundo que tende para a homogenização e nivelação linguístico-culturais.

## Notas

<sup>1</sup> In "FHC pede tolerância com divergências" (Folha de São Paulo Online, Abril 23, 2000).

<sup>2</sup> No século XIX, o Brasil foi o principal destino dos emigrantes portugueses. No final do século, os números atingiam uma média de 20,000 por ano (Saraiva 318). Entre 1884 e 1939, os portugueses constituíram o maior contingente de imigrantes no Brasil (1,502.394), seguidos pelos italianos e espanhóis (História geral do Brasil 217). Entre a Segunda Guerra Mundial e a Revolução do 25 de Abril, houve uma leva constante de emigrantes portugueses com destino ao Brasil, Estados Unidos, Canadá e à Europa (principalmente a França) (Oliveira Marques 665). De facto, "até aos anos cinquenta, o Brasil recebeu mais do 50% de todo o fluxo migratório português, enquanto que a França recebeu aproximadamente o mesmo, a partir dos anos cinquenta" (Baganha 189).

<sup>3</sup> Depois da caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000 (2000), oferece um panorama exaustivo das relações luso-brasileiras dos séculos XIX e XX passando pela história diplomática dos dois países, da e/imigração e das relações económicas. Por seu lado, Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces, I e II (2001), oferece uma série de ensaios escritos por académicos e escritores africanos, brasileiros e portugueses sobre as relações culturais entre Portugal, Angola, Moçambique e o Brasil.

<sup>4</sup> Alfredo Bosi faz uma distinção entre as crónicas portuguesas centradas no "descobrimento" e descrição do Brasil e os relatos históricos que reflectiam a experiência do sujeito colonial comprometido com a construção duma nova realidade luso-brasileira (História concisa 24-25). Na primeira categoria, os exemplos mais notáveis são a Carta de achamento (1500) de Pêro Vaz de Caminha, a História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil (1576) de Pêro de Magalhães Gândavo e o enciclopédico Tratado descritivo do Brasil em 1587 de Gabriel Soares de Sousa. Na segunda categoria, onde se detecta uma consciência embrionária brasileira, temos a História do Brasil (1627) de Frei Vicente do Salvador e a Cultura e opulência do Brasil (1711) de André João Antonil.

## Obras citadas

ALMINO, João. "O diálogo interrompido." *Rumos*. 1 (1999) : 26-35.

- 
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Editora Ática, 1984.
- , *O mulato*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- BAGANHA, Maria Ioannis B. "Portuguese Emigration After World War II." *Modern Portugal*. ed. António Costa Pinto. Palo Alto, California: The Society for the Promotion of Science and Scholarship, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- , *História concisa da literatura brasileira*. 32nd ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- BRANCO, Camilo Castello. *A brasileira de Prazins*. Mem-Martins: Europa-América.
- , *Eusébio Macário*. Mem Martins: Europa-América.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- CAMINHA, Pêro Vaz de. *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CERVO, Amado, e José Calvet de Magalhães. *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- "FHC pede tolerância com divergências." *Folha Online*. 23 Apr. 2000 <<http://www.uol.com.br/fsp/>>.
- GÂNDAVO, Pêro de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil; história da província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.
- LINHARES, Maria Yedda, ed. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- MARQUES, A. H de Oliveira. *Breve história de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- MOTA, Carlos Guilherme and Fernando Novais. *O processo político da independência do Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1982.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

---

SANTOS, Gilda, org. *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*, vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2001.

SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português*. Porto, 1986.

SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal*. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1993.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1879.

VIEIRA, Nelson. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.